

Vaticano divulga hoje decretos que dividem Arquidiocese de São Paulo

DERMI AZEVEDO

Da Reportagem Local

Em decretos a serem divulgados hoje às 12h (8h de Brasília) no Vaticano, o papa João Paulo 2º dividirá a Arquidiocese de São Paulo, criando quatro novas dioceses (em Osasco, Campo Limpo, Santo Amaro e São Miguel Paulista) e designando seus primeiros bispos. O anúncio das medidas será feito hoje, às 15h, na Cúria Metropolitana de São Paulo, em nota do cardeal-arcebispo paulistano, d. Evaristo Arns, lida por seu porta-voz, frei Sérgio Calixto. O cardeal Arns só dará entrevista sobre a divisão amanhã, depois de uma reunião com todo o clero arquidiocesano.

A Folha apurou que, para o Vaticano, nenhum bispo de São Paulo está sendo tecnicamente removido, porque o Código de Direito Canônico não reconhece o modelo pastoral adotado pela Arquidiocese local (bispos auxiliares assumindo a direção de regiões episcopais). Em termos canônicos, a decisão do Vaticano resume-se à criação de quatro novas dioceses (retiradas da Arquidiocese de São Paulo) e à nomeação dos seus primeiros bispos.

Dos quatro bispos das atuais regiões episcopais — agora transformadas em dioceses autônomas — só o de Osasco, d. Francisco Manuel Vieira, permanecerá em seu cargo, agora como titular. Os novos bispos paulistanos sairão de uma lista que inclui d. Emilio Pignoli, de Mogi das Cruzes (SP), d. Fernando Legal, de Limeira (SP), além de preladados mineiros e paranaenses. Todos eles são definidos, na Igreja local, como "conservadores" no plano doutrinário e "moderados" politicamente.

Substituições

Dos atuais auxiliares a serem substituídos, d. Angélico Sândalo Bernardino, de São Miguel Paulista, ficará à disposição de d. Paulo seja para assumir a região da Lapa, seja para coordenar a Pastoral da Comunicação Social da Arquidiocese — até ser transferido para outra diocese. D. Fernando Penteado, de Campo Limpo, também poderá ser transferido, a médio prazo, possivelmente para o Nordeste. D. Antô-

nio Gaspar, de Santo Amaro, poderá ser designado para a Sé (centro paulistano) ou para a região Belém, na zona leste. Está sendo também esperada hoje a transferência do bispo da Lapa, zona oeste paulistana, d. Alfredo Novak, para a diocese de Paranaguá (PR).

Em São Miguel Paulista, será divulgada hoje uma carta aberta assinada por padres, religiosos e leigos, qualificando o processo utilizado pelo Vaticano como "autoritário, centralista e contrário à comunhão e à participação".

No próximo domingo, na abertura da Semana Santa, todas as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) paulistanas serão convidadas para um dia de jejum e oração na basílica da Penha, na zona leste, na próxima quarta-feira, a partir das 7h, em favor da unidade eclesial paulistana. O jejum será encerrado com uma missa em que d. Angélico fará sua despedida da Igreja de São Miguel.

Com a divisão da arquidiocese através de decretos, termina a única experiência pastoral no catolicismo do Terceiro Mundo em que os bispos auxiliares dividem o governo arquidiocesano como responsáveis por regiões episcopais. A proposta de dividir a arquidiocese — mantendo a unidade da Igreja local — foi apresentada pelo cardeal Arns ao papa Paulo 6º nos anos 70. D. Paulo inspirou-se no modelo pastoral adotado em Paris pelo cardeal Marty, um dos seus maiores amigos.

O projeto inicial passou a sofrer modificações a partir de 1978, quando João Paulo 2º assumiu o pontificado. Feitas sempre sob segredo, as mudanças alteraram a meta de garantir uma continuidade na linha pastoral arquidiocesana, mesmo depois de sua saída. D. Paulo pretendia que seu sucessor fosse o atual presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, d. Luciano Mendes de Almeida.

O cardeal Arns não conseguiu concretizar esses sonhos. D. Luciano foi transferido há um ano, à revelia de d. Paulo, para a Arquidiocese mineira de Mariana e a divisão não garante a manutenção da atual linha pastoral arquidiocesana, de orientação "progressista".

D. Paulo sofre pressões

Da Reportagem Local

Submetido a constantes pressões dos setores "conservadores" tanto da Cúria Romana quanto do episcopado brasileiro, o cardeal-arcebispo d. Paulo Evaristo Arns, 67, já pensou várias vezes em renunciar ao arcebispo paulistano.

Seu sonho é o de voltar a ser um simples frade franciscano, dedicado ou aos aditícios de baixa renda ou aos favelados, retomando um trabalho iniciado em Petrópolis (RJ) entre 1945 e 1966.

De ascendência alemã e temperamento forte, d. Paulo já disse, também, a vários dos seus assessores, que não renunciaria sob pressão de ninguém.

De acordo com o Código de Direito Canônico, o cardeal Arns pode ficar mais oito anos como arcebispo paulistano, devendo apresentar seu pedido de renúncia ao Papa somente em 1997.

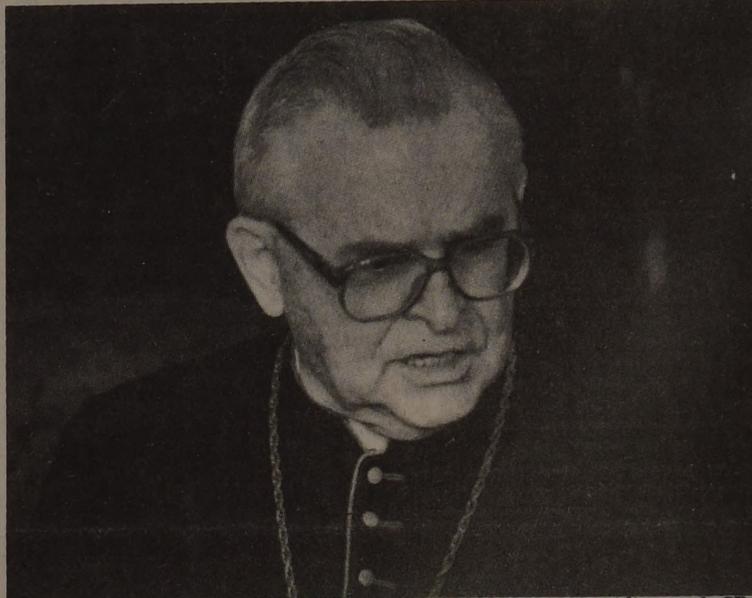
Sua linha de trabalho é "montiniana" (baseada no perfil pastoral de

Paulo 6º, papa que o nomeou bispo e cardeal). D. Paulo assume, porém, uma postura de fidelidade ao papa João Paulo 2º e descarta qualquer rompimento com o Sumo Pontífice do Catolicismo.

A partir de agora, a ênfase de seu trabalho na arquidiocese será a promoção da Pastoral de Fé e Política, voltada para a formação política dos militantes cristãos.

D. Paulo continuará ligado aos bispos das novas dioceses paulistanas em função de, pelo menos, três motivos: a participação conjunta na CNBB; o fato de ser responsável pela conferência episcopal no estado de São Paulo e a sua condição de arcebispo metropolitano, o que lhe dá uma precedência canônica diante dos bispos da Grande São Paulo.

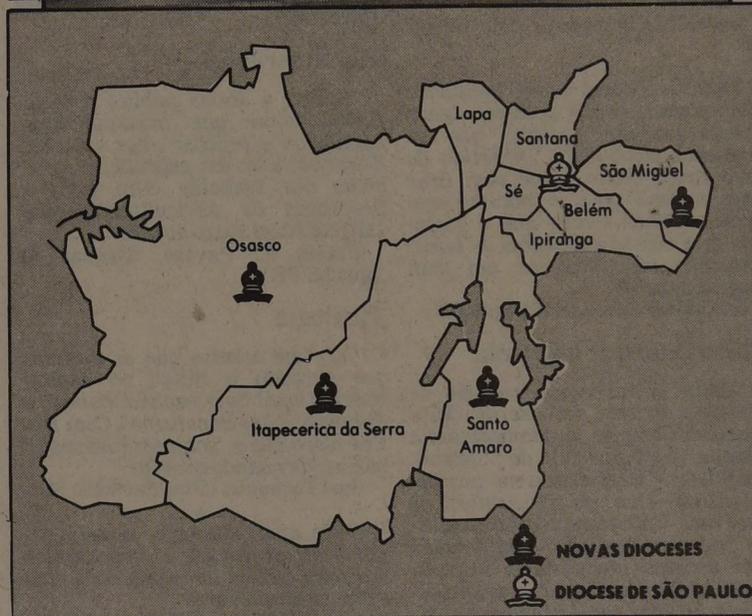
Paradoxalmente, a divisão da arquidiocese reforçará a campanha que os grupos de direitos humanos do Brasil e da América Latina estão fazendo em favor da candidatura do cardeal Arns ao Prêmio Nobel da Paz deste ano.



D. Paulo Evaristo Arns, que dirige a partir de hoje a nova arquidiocese de SP

Editoria de Arte

A DIVISÃO DA ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO



Cardeal é derrotado

Da Reportagem Local

A divisão da Arquidiocese de São Paulo representa, pela forma como está sendo consumada hoje, uma séria derrota para a linha pastoral "progressista" defendida pelo cardeal-arcebispo d. Paulo Evaristo Arns. A nomeação de bispos menos comprometidos com a Teologia da Libertação implicará, a médio prazo, a adoção de práticas pastorais mais "espiritualistas" e menos sócio-políticas. Na Igreja europeia já se afirma que a Igreja paulistana começa agora a ser "normalizada", de acordo com os padrões considerados ideais pela Cúria Romana.

A nova arquidiocese paulistana continuará, porém, sendo a maior do Brasil (com uma população de 7 milhões e 450 mil habitantes, 2 milhões a mais que a do Rio de Janeiro). Ela ficará, no entanto, menor que outras arquidioceses latino-americanas, como as da Cidade do México e de Buenos Aires, entre outras. Politicamente, a Arquidiocese

de São Paulo continuará sendo uma Igreja referencial para os setores "progressistas" enquanto d. Paulo Evaristo Arns permanecer como seu arcebispo.

As medidas para a divisão arquidiocesana estão sendo aplicadas exclusivamente a São Paulo e não se prevê a divisão de arquidioceses como as do Rio de Janeiro, Belo Horizonte (MG), Salvador (BA) e Porto Alegre (RS), consideradas "ortodoxas". Os documentos do clero, religiosos e leigos de São Paulo que foram enviados ao Vaticano — pedindo a democratização do processo de divisão da Igreja local — até hoje não obtiveram resposta.

Paralelamente, a arquidiocese é dividida sem que tenha sido concretizada a proposta da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, aprovada na assembleia do ano passado, de incluir qualquer projeto de mudança geográfica da Igreja de São Paulo no contexto da pastoral católica nas grandes cidades brasileiras.